

Go - 29.2.60
CM - 29.3.53
M - 221

~~De Almeida~~

Coisas de Guerra

RUBEM BRAGA

1932
VISITEL, durante a guerra, uma pequena aldeia italiana onde os nazistas fizeram o mesmo que em outras: para, se vingarem de alguma ofensa ou desfeita, juntaram todo o povo na igreja, tocaram fogo e morteiro, e quem saía era morto a metralhadora.

A igreja certamente foi escolhida por ser o maior recinto fechado do lugar; mas nem por isso acho menor uma coincidência que outro dia, lendo um livro, encontrei.

Ao comandante alemão da tropa que fez o morticínio chamavam os italianos apenas, por lhe não saberem o nome, «il capitano pazzo», quer dizer, doido. Mas este outro capitão, que fez coisas idênticas mais de 400 anos antes, não era um doido.

Era um homem de boas letras e juízo, navegador e guerreiro, estadista e diplomata, e mandou numa grande parte do mundo. Que ele mesmo se apresente: «Afonso de Albuquerque, do conselho de El-Rei Nosso Senhor e seu capitão-mor e governador das Índias, Pérsia, Arábia e do reino e senhorio de Ormuz, de Goa e Malaca...».

Depois de contar a El-Rei, em carta de 22 de dezembro de 1510, a tomada de Goa, ele escreve: «Depois queimeei a cidade e trouxe tudo à espada, e por quatro dias continuamente a vossa gente fez sangue nêles; por onde quer que o podíamos achar, não se dava vida a nenhum mouro, enchiam as mesquitas dêles e punham-lhes fogo; aos lavradores da terra e brâmanes mandei que não matassem. Achamos por conta serem mortas seis mil almas de mouros e mouras...».

E mais adiante: «Nenhuma sepultura nem edifício de mouros não deixo em pé; os que agora tomam vivos, mando-os assar; tomaram aqui um arrenegado, e mandei-o queimar.»

Assim nossos bons avós portugueses propagaram ao mundo a fé cristã; assim nos conta, em bom estilo e boa-fé, o que, entre eles, foi grande entre os grandes.

Essas coisas e outras achei no pequeno volume de «Cartas Para El-Rei D. Manuel I», escritas por Afonso de Albuquerque, vindo a lume na excelente Coleção de Clássicos Sá da Costa. Antes das igrejas, serviram as mesquitas de fornos para os fiéis; esperemos ao menos que as almas de uns e outros, desencarnadas em seus templos, tenham ido mais depressa para os respectivos parísos. Nesta piedosa esperança fechó o livro, e a crônica.

26/11/66